



Síntese

Quadro para uma Mecanização Agrícola Sustentável em África a nível de todas as Cadeias Agro-alimentares

O presente Quadro fornece uma lista dos elementos prioritários a serem considerados pelos países da região da África Subsaariana¹ (ASS) no processo de desenvolvimento das suas estratégias nacionais de mecanização agrícola sustentável [SAM] durante a primeira metade do século XXI. Durante as últimas seis décadas, os progressos registados na mecanização das operações agrícolas a nível das propriedades agrícolas não foram satisfatórios. Todavia, alguns progressos foram alcançados na mecanização das operações pós-colheita fora das propriedades agrícolas, como na moagem de cereais, para o alívio, em particular, das mulheres e crianças. Muito ainda é necessário para transformar o cenário da mecanização a nível das propriedades agrícolas através da libertação do agricultor africano do trabalho duro ergonomicamente debilitante associado à agricultura baseada na enxada. Além disso, a mecanização agrícola pode contribuir para melhorar os meios de subsistência rurais, ultrapassando assim os problemas de mão-de-obra que restringem a produtividade e o aumento dos rendimentos a nível rural, tornando a agricultura atrativa para os jovens e educados. A um nível mais elevado, a mecanização é uma dimensão necessária da estratégia de desenvolvimento transformacional que promove a comercialização sustentável e a modernização de propriedades agrícolas e empresas de pequena, média e grande escala com vista a acelerar o desenvolvimento agrícola e iniciar um crescimento económico sustentável orientado para a redução da pobreza nas zonas rurais e urbanas.

A mecanização agrícola inclui a aplicação de ferramentas, implementos, máquinas e equipamentos motorizados para alcançar a produção agrícola almejada. A este respeito, a produção agrícola inclui tanto a produção de culturas como a pecuária, bem como aquacultura e apicultura. A mecanização envolve três níveis de fontes de energia: manual, com total dependência da força muscular humana; animal; e fontes motorizadas [combustíveis fósseis e energia eléctrica]. O termo “mecanização agrícola” abrange o fabrico, distribuição, reparação, manutenção, utilização e gestão de alfaias, implementos, equipamentos e máquinas agrícolas na produção agrícola, desde a exploração da terra, produção de culturas e animal, colheita até ao armazenamento, bem como processamento a nível da propriedade agrícola e transporte rural.

¹ A região da África do Norte foi excluída da análise pelo facto de esta sub-região estar avançada em termos de mecanização agrícola, e o resto de África tem de alcançá-la. Além disso, a região possui diferentes zonas agro-ecológicas que são distintas do resto de África.

De acordo com a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação [FAO], a mecanização agrícola na ASS manteve-se na primeira fase do processo de mecanização – **a Fase de Substituição da Força**: que é a primeira fase de desenvolvimento que envolve a substituição do uso da força de seres vivos [seja força humana ou tracção animal] por energia mecânica de motores de combustão interna e/ou motores eléctricos utilizados na realização de tarefas de alto consumo energético e muitas vezes árduas e desgastantes, como a preparação inicial da terra; moagem de cereais, etc. Estas tarefas de alto consumo energético requerem equipamentos/implementos adequados para executá-las. O processo de mecanização nesta fase é tecnicamente claro, ou seja, introdução de equipamentos sob a forma de fontes de energia novas e de nível superior (sejam elas animais ou mecânicas), particularmente para executar tarefas difíceis e árduas e/ou domésticas. Contudo, o estabelecimento de sistemas sustentáveis para a utilização e gestão eficiente e eficaz de equipamentos tem sido o principal desafio que a maioria dos países da ASS tem enfrentado.

1. Contexto do Estudo

A transformação da agricultura é um pilar estratégico-chave da Agenda 2063 da União Africana, o plano de desenvolvimento económico para o continente. Portanto, em 2014, designado pela União Africana como o Ano da Agricultura e Segurança Alimentar Africana, os Chefes de Estado e de Governo Africanos renovaram o seu compromisso com a transformação agrícola no continente. Este compromisso renovado está contido na Declaração de Malabo de 2014, sobre Aceleração do Crescimento Agrícola e Transformação para a Prosperidade Comum e Melhoria dos Meios de Subsistência. Através desta Declaração, os líderes forneceram a direcção estratégica para a agricultura africana para o período de 2015 a 2025, mediante a identificação de intervenções específicas necessárias para acelerar o ritmo do desenvolvimento agrícola e garantir a sua sustentabilidade.

Em particular, o Compromisso III sobre a Eliminação da Fome em África até 2025, inclui a determinação de acelerar o crescimento agrícola duplicando pelo menos os níveis actuais de produtividade agrícola até aquele ano. Isto exige condições políticas e institucionais adequadas e sistemas de apoio para facilitar a produção sustentável e fiável e o acesso a insumos de qualidade e acessíveis; fornecimento de conhecimentos, informações e competências adequadas aos usuários; sistemas eficientes e eficazes de gestão da água, particularmente através da irrigação; mecanização e fornecimento de energia adequada, fiável e acessível, entre outros. Portanto, facilitar o aumento da produtividade agrícola e o reforço da segurança alimentar e nutricional através da melhoria dos insumos, mecanização e gestão pós-colheita continua a ser uma prioridade fundamental para a UA. Isto implica a necessidade de ajudar as Comunidades Económicas Regionais [CER] e os Estados-membros da UA a desenvolver e impulsionar políticas e estratégias que facilitem a produção eficiente e o intercâmbio de bens e serviços.

Portanto, a Comissão da União Africana (CUA) está comprometida em fornecer a liderança para assegurar que os esforços destinados a aumentar o acesso aos serviços de mecanização em África estejam em conformidade com as prioridades do CAADP/Malabo, incluindo a garantia do acesso a esses serviços por pequenos agricultores. De particular interesse é o objectivo específico, conforme estipulado pela CUA, de aliviar o agricultor africano, dentro de um prazo estabelecido, do trabalho árduo e desgastante associado à agricultura dominada pela enxada comum em muitas partes da ASS, daí o lema da ex-Presidente da CUA “enviar a enxada para o museu”.

É neste contexto que, em 2016, a CUA solicitou a assistência técnica da FAO para desenvolver um quadro para a mecanização agrícola sustentável em África. A FAO aceitou o pedido e desenvolveu um Projecto de Cooperação Técnica [TCP] sobre Mecanização Agrícola Sustentável [SAM] com a CUA, que resultou no desenvolvimento do Quadro para uma Mecanização Agrícola Sustentável em África (SAMA).

2. Objectivo e Justificação

O objectivo deste relatório é fornecer um quadro através do qual os países e sub-regiões da ASS possam planificar e desenvolver as suas próprias estratégias de mecanização agrícola sustentável de forma informada, tendo em conta a experiência sobre o continente e outros lugares durante as últimas seis décadas de implementação de programas de mecanização agrícola.

Reconhece-se que, embora as estratégias e políticas de mecanização possam ser específicas do país, as estratégias nacionais são melhor formuladas quando guiadas por conhecimentos e parâmetros identificados dentro de um quadro que responde às perspectivas regionais e globais. A experiência das últimas seis décadas de implementação de programas de mecanização agrícola em países da ASS e em outros lugares mostra que a prescrição de uma única estratégia de mecanização não reflecte a diversidade que existe entre os países deste continente grande e diversificado. No entanto, vários aspectos relacionados com a formulação de políticas e o desenvolvimento de estratégias poderiam se beneficiar de um quadro comum. Além dessas áreas comuns, seria mais útil considerar políticas e estratégias no contexto de situações específicas. Portanto, o ponto de partida para este estudo foram os compromissos firmes de longo prazo em matéria de mecanização agrícola assumidos pelos Chefes de Estado e de Governo Africanos na sua 23.^a e 24.^a Cimeiras realizadas em Malabo e Cidade do Cabo, respectivamente.

3. Metodologia do Estudo

Uma equipa composta de sete pessoas foi contratada para desenvolver o quadro SAMA. Um Workshop Inaugural foi realizado em Adis Abeba, de 30 de Junho a 1 de Julho de 2016. Foi acordado que um estudo abrangente que analisasse a mecanização

de forma holística e realizasse a devida consulta junto dos principais intervenientes fosse levada a cabo. Além disso, foi acordado que o foco deveria ser a região da ASS.

Foi realizada uma análise do estado da mecanização agrícola nas quatro sub-regiões da ASS [ou seja África Central [AC]; África Oriental [AO]; África Austral [AA] e África Ocidental [AO]. A equipa que trabalhou neste relatório também participou numa Reunião Consultiva sobre Estratégia de Mecanização, organizada, entre outros actores, pelo Banco Mundial; FAO; AGRA; ACT e CEMA, para discutir novos modelos de mecanização agrícola sustentável na África Subsaariana, em Nairobi, Quênia, nos dias 1 e 2 de Dezembro de 2016.

A elaboração deste documento incluiu igualmente uma revisão de estudos anteriores, incluindo o estudo de dois anos patrocinado pela MSU/USAID em 1967-69 [por Kline et al, 1969] e o estudo breve patrocinado pelo Banco Mundial de 1987 [por Pingali et al 1987].

4. Lições retiradas de experiências anteriores

Este relatório observa que há registos de sucesso na mecanização agrícola em outras partes do mundo, em regiões/países em que houve um compromisso de longo prazo com uma visão e objectivos claros a serem alcançados. A selecção das prioridades é fundamental e o sequenciamento das várias acções é um ingrediente importante para o sucesso.

A análise do cenário de mecanização mostra de uma forma geral que os principais factores necessários para o sucesso na mecanização agrícola incluíam, entre outros, a procura efectiva da produção agrícola; taxas de utilização económica de máquinas e equipamentos agrícolas, incluindo cadeias de oferta eficientes e prestadores de serviços que possam fornecer, de forma sustentável e rentável, máquinas, implementos agrícolas e suas peças sobressalentes.

5. Dez elementos prioritários para o SAMA

As questões-chave, que necessitam de serem tomadas em consideração num quadro do SAMA na ASS, incluem o seguinte:

Primeiro tem de reconhecer-se que há necessidade de fazer face à restrição de fontes de energia para a agricultura a nível das propriedades agrícolas na região. Com a preparação da terra em cerca de 60% da terra de cultivo a ser feita com enxada [e em algumas sub-regiões até 80%], afigura-se necessário mudar esta situação com urgência. Conforme observado por vários especialistas, a agricultura alimentada inteiramente pela força humana é considerada como sendo uma punição conforme caracterizada por alguns “... *A terra está amaldiçoada por tua causa; com o sofrimento comerás dela todos os dias da tua vida. Comerás o pão com o suor da tua testa*”. Outras regiões do mundo registaram avanços e libertaram os seus agricultores deste castigo pesado caracterizado pelo uso de ferramentas manuais arcaicas na lavoura. O

uso de tracção animal [DAP], considerado por alguns líderes africanos como uma Tecnologia Anterior a Cristo [BCT], é possível como uma tecnologia de transição nas regiões mais secas livres da mosca tsé-tsé e com os agricultores que possuem uma tradição de prática da pecuária, desde que outras restrições ao seu uso onipresente possam ser abordadas [por exemplo procura concorrente de produtos pecuários; redução de pastagens e mão-de-obra para apascentar animais de tracção]. Portanto, há necessidade de considerar sair da fase DAP da mecanização em muitas partes da ASS à medida que a região avança para a metade do século XXI.

Os tractores [tanto de duas rodas [2WT como motocultivadoras] e de quatro rodas [4WT]] continuam, portanto, a ser a principal opção de equipamento agrícola nas propriedades agrícolas, particularmente para as operações a nível das propriedades. Os agricultores não precisam necessariamente de possuir tractores - tudo o que precisam é contratar serviços de aluguer de tractor em tempo útil e a um custo acessível.

A **segunda** questão são os implementos usados/baseados/movidos por fontes de energia. No passado, a preocupação com a mecanização agrícola na ASS era mais em relação às fontes de energia nas propriedades agrícolas e as consequências socioeconómicas e o impacto do seu uso crescente por pequenos agricultores e menos em relação aos implementos utilizados. Estes implementos, em particular os utilizados para a preparação da terra e produção de culturas, contribuem de forma directa e significativa para o impacto ambiental da mecanização agrícola. Existe actualmente um movimento global que defende a adopção de práticas de agricultura de conservação, o que afectará os tipos de implementos e práticas agrícolas que serão usados na ASS nas próximas décadas.

Terceiro - A mecanização exige que as propriedades agrícolas produzam numa base comercial para responder aos elevados custos de aluguer de máquinas. Portanto, se as propriedades não forem lucrativas antes da mecanização, a probabilidade de elas se tornarem lucrativas devido apenas à mecanização é baixa. Como resultado da baixa rentabilidade de muitas pequenas propriedades agrícolas em comparação com os níveis de investimentos em mecanização necessários, os agricultores comerciais de média e grande escala estão em posição mais favorável de se mecanizar primeiro, como ocorreu na Ásia e em outras partes do mundo. Espera-se que os esforços para aumentar a rentabilidade da agricultura comercial de pequena e média escala aumentem a demanda efectiva de tecnologias mecânicas e aumentem, sem dúvida, o fornecimento de serviços de aluguer de máquinas para pequenos agricultores. Portanto, é necessário incentivar o desenvolvimento de operações agrícolas comerciais viáveis que ofereçam também serviços de mecanização a pequenos agricultores. Tais agricultores comerciais estão a emergir em alguns países onde políticas favoráveis adequadas foram promulgadas no passado recente - ocupando até 40% das terras de cultivo aráveis em alguns países.

Uma **quarta** questão são os tipos de culturas que estão a ser produzidas. Ao contrário da Ásia e da América Latina, onde os cereais são as culturas dominantes e ocupavam 96% e 93% das terras cultivadas, respectivamente [em 2000], na ASS a situação é

diferente, sendo que as culturas de cereais ocupam 67; 70; e 83% das terras cultivadas na África Central, Ocidental e Oriental, respectivamente. O resto da terra cultivada destinada a culturas alimentares é ocupada por raízes e tubérculos. Apenas na África Austral é que os cereais ocupam 98% das terras cultivadas. Estas estatísticas demonstram os desafios da mecanização da agricultura na ASS, especialmente onde os pequenos produtores são dominantes. Além disso, a terra usada para a produção de cereais na ASS aumentou de 45 milhões de hectares em 1961 para 96 milhões em 2000, muitas vezes intercalada e, em alguns casos, destroncada de forma deficiente, enquanto as fontes de energia disponíveis para as propriedades agrícolas diminuíram.

Uma **quinta** questão é a necessidade de adoptar uma abordagem holística para a mecanização agrícola e considerar toda a cadeia agroalimentar, incluindo o financiamento de investimentos de capital necessários para apoiar a aquisição de maquinaria e implementos agrícolas, bem como incorporar o uso de insumos de mecanização fora das propriedades agrícolas e a agregação de valor do produto. Além disso, as tecnologias de mecanização para as cadeias agroalimentares podem contribuir significativamente para programas de redução de perdas ao longo de cadeias alimentares inteiras, bem como programas para a manutenção da infra-estrutura rural e o aumento das oportunidades de emprego nas zonas rurais, particularmente para jovens e mulheres. Associado a isto e como uma **sexta** questão, é a necessidade de alcançar taxas eficientes de utilização de máquinas agrícolas, bem como a oportunidade de realizar operações no campo. O plantio tardio pode levar a uma redução de rendimentos de até 100kg/ha para cada dia em que o plantio é feito depois da data adequada para o plantio de cereais alimentados pela chuva nas regiões semi-áridas da ASS. Além disso, o número de dias disponíveis para operações no campo em tais regiões semi-áridas é limitado a cerca de 30 dias e, portanto, a pontualidade é fundamental na maioria dos sistemas agrícolas na ASS. Isto limita as taxas efectivas de utilização anual, por exemplo, de tractores [4WT], para 300 a 400 horas ao invés das 800 a 1200 horas recomendadas. Isto continuará a ser um grande desafio para a viabilidade e rentabilidade dos investimentos na mecanização motorizada.

A **sétima** questão é a eficiência das franquias e das cadeias de oferta de máquinas e implementos agrícolas. De acordo com os dados disponíveis, 26 países da ASS têm menos de 1000 tractores em uso e 6 tinham entre 1000 e 2000 tractores; 10 tinham entre 2000 e 10 000 unidades e apenas 6 tinham entre 10 000 e 30 000 unidades. A África do Sul destaca-se com mais de 67 700 tractores em uso. Dado que geralmente representam várias marcas e tamanhos de tractores - significa que o número de uma determinada marca e tamanho de tractor importado a cada ano na maioria dos países é bastante pequeno, aumentando assim a questão da sustentabilidade e viabilidade das franquias e cadeias de oferta de máquinas, implementos agrícolas e suas peças sobressalentes. Esta é uma questão crítica relacionada com a sustentabilidade da mecanização em muitos países da ASS. Associado à viabilidade de franquias e cadeias de oferta de máquinas e implementos agrícolas, a **oitava** questão envolve a fabricação e testagem na região. Dado o tamanho pequeno do mercado de insumos de mecanização na maioria dos países, é provável que haja uma cooperação ao nível sub-

regional se fábricas viáveis tiverem que ser estabelecidas. Um começo poderia ser através do desenvolvimento de protocolos sub-regionais para a definição de padrões e testagem de máquinas e equipamentos agrícolas.

A **nona** questão é sobre instituições, políticas, incluindo o financiamento de insumos e serviços de mecanização agrícola, assim como pesquisas e desenvolvimento. Isto envolve, em particular, o papel dos sectores público e privado nessas áreas, incluindo que sector deve assumir a liderança e onde é necessária uma acção conjunta. As falhas ocorridas nos anos 60 e 70 foram causadas, entre outras razões, pela falta de políticas claras e acordo sobre quem deve liderar os dois sectores. Embora se tenha acordado que o sector privado deve assumir a liderança nas iniciativas de mecanização agrícola, também é importante reconhecer que o sector privado funciona melhor se houver uma demanda suficientemente grande de insumos e serviços de mecanização. Algumas das acções passadas do sector público resultaram da baixa demanda na maioria dos países, o que levou o sector a não atrair as iniciativas do sector privado. Ao mesmo tempo, há uma falta de massa crítica em cada país individual (por exemplo, para P & D] e isso pode exigir uma cooperação entre países, particularmente no domínio da capacitação para alcançar economias de escala e de âmbito.

Por último, a **décima** questão gira em torno da sustentabilidade da mecanização agrícola na ASS. A sustentabilidade é tida em conta aqui para incluir a sustentabilidade ambiental, em particular, a contribuição que as intervenções da mecanização agrícola podem fazer para reduzir a erosão e a compactação do solo através da adopção de técnicas sustentáveis de preparação da terra e produção agrícola; sustentabilidade comercial através do uso de modelos de negócios que oferecem serviços de mecanização aos agricultores não só de forma eficiente e rentável, mas também a preços competitivos e acessíveis; e sustentabilidade socioeconómica através do reconhecimento do domínio dos pequenos agricultores na agricultura da ASS, bem como de outros grupos que podem ser prejudicados por níveis mais altos de mecanização, como mulheres, jovens e idosos. As estratégias de mecanização agrícola sustentável devem responder a todas estas questões, a fim de garantir que, na medida do possível, os interesses de todos estes grupos sejam satisfeitos e contribuam de forma efectiva e eficiente para a economia nacional.

6. Áreas prioritárias

Os principais elementos da SAM que devem ser considerados pelos países da ASS, aquando do desenvolvimento das suas próprias estratégias nacionais, incluem a criação de um ambiente de apoio que facilite o estabelecimento e operação de negócios viáveis e sustentáveis que ofereçam serviços oportunos e eficientes destinados a aumentar as fontes de energia disponíveis para agricultores com vista a permitir que estes possam realizar, em tempo útil, as diferentes tarefas ao longo da cadeia agro-alimentar. Isto incluirá, entre outras coisas, a transformação das actuais práticas convencionais de cultivo e agricultura em práticas sustentáveis que sejam mais favoráveis ao meio ambiente, como agricultura de conservação e lavoura mínima adaptada às condições locais. Além disso, as estratégias de mecanização agrícola a nível nacional devem abranger toda a cadeia de valor agro-alimentar e incluir questões de colheita, processamento e transformação pós-colheita para, entre outras coisas,

reduzir as perdas de alimentos, agregar valor ao produto, incorporar aspectos de segurança alimentar e ligar o agricultor ao mercado e consumidor.

Outros elementos da SAM incluem questões institucionais para responder aos interesses dos pequenos agricultores e suas organizações, bem como das mulheres e jovens. Além disso, o quadro de estratégias de SAM deve incluir elementos relacionados com a criação e operação de entidades viáveis para a fabricação de maquinarias e implementos agrícolas na região, bem como franquias e cadeias de fornecimento para a sua distribuição, reparação e manutenção a nível nacional e sub-regional. As estratégias de SAM devem igualmente abranger os sistemas de inovação necessários, inclusive para o desenvolvimento e transferência de tecnologias a nível nacional e sub-regional - não serve de nada continuar a desenvolver protótipos que permanecem nas prateleiras. A capacitação dos recursos humanos necessários [a nível artesanal, técnico e profissional], bem como a capacidade institucional será fundamental para o sucesso das estratégias de SAM.

Outros elementos prioritários incluem o reforço da capacidade de uso de máquinas e implementos de qualidade necessários para a SAM, incluindo o desenvolvimento de sistemas para a definição de normas e testagem de protocolos; desenvolvimento de capacidades, inclusive para os agricultores e, em particular, para os jovens e mulheres agricultoras. As modalidades de financiamento para investimentos em sistemas de mecanização sustentável também são elementos necessários. Será igualmente necessário estabelecer mecanismos de cooperação e coordenação regionais para facilitar o intercâmbio de informações e tecnologias, bem como para desenvolver e implementar programas e projectos regionais conjuntos de SAM, onde as economias de escala e de âmbito assim determinarem. Por último e o mais importante, o compromisso de longo prazo com a SAM por todos os principais intervenientes envolvidos na formulação e implementação da estratégia, bem como no financiamento, serão elementos críticos para o seu sucesso. São apresentadas opções para os vários elementos de SAM e caberá aos envolvidos na formulação de estratégias a nível nacional e sub-regional seleccionar quais opções se enquadram melhor na situação local prevalecente.

7. Áreas que necessitam de acção imediata

As áreas que necessitam de acção imediata incluem o desenvolvimento de directrizes detalhadas para ajudar os países-membros na concepção e formulação de políticas e estratégias para a SAMA abarcando os três aspectos da sustentabilidade das intervenções de mecanização agrícola - comercial, ambiental e socioeconómico. A maioria das directrizes actualmente existentes foi desenvolvida nos anos 70 e 80, quando os paradigmas de desenvolvimento enfatizavam o domínio do sector público e a segurança alimentar de subsistência. Há também necessidade premente de desenvolver mecanismos para aumentar o fluxo de recursos financeiros para investimentos em mecanização agrícola de bancos comerciais e outras instituições financeiras, que fornecerão empréstimos a agricultores e empresários comerciais emergentes de pequena e média escala. Só quando as instituições financeiras locais

se envolverem activamente nos empréstimos para a mecanização da agricultura africana é que esta poderá ser considerada sustentável.

O reforço das infra-estruturas institucionais nacionais, sub-regionais e regionais que apoiam o desenvolvimento da mecanização agrícola é fundamental para, entre outras áreas, a pesquisa e inovação; normas e testagem; fabricação e comercialização de máquinas e implementos agrícolas; transferência de tecnologia e extensão, bem como capacitação em todos os aspectos. Isto pode envolver a criação e/ou o reforço de centros de excelência, bem como mecanismos de coordenação a nível nacional, sub-regional e regional. Dado o tamanho actual de muitos mercados nacionais de maquinaria e implementos agrícolas, a cooperação regional será necessária na implementação de muitas actividades, a fim de alcançar economias de escala e de âmbito, além de criar organizações e instituições sustentáveis. Como ocorreu em outras regiões do mundo, o envolvimento de organizações/instituições nacionais, regionais e internacionais neste esforço, como os governos nacionais; organizações de agricultores; CUA; CER; BAD; AGRA e organizações de desenvolvimento como a FAO, UNECA; UNIDO e Banco Mundial, serão fundamentais para o sucesso da SAMA na ASS.

8. Observações finais

Os líderes da ASS compreendem a importância da mecanização agrícola para a visão futura do desenvolvimento agrícola e da segurança alimentar para a região. Todavia, os esforços para acelerar a mecanização exigirão compromissos políticos e financeiros importantes a longo prazo, e o combate de novos problemas que possam surgir. Portanto, a menos que sejam assumidos compromissos para resolver esses problemas, a perspectiva da agricultura africana e dos agricultores continuará, provavelmente, sombria. Felizmente, há sinais de um novo grupo de agricultores emergentes em alguns países que provavelmente irão liderar e catalisar os esforços rumo à mecanização sustentável. O processo pode, às vezes, ser turbulento, mas os governos e os líderes do sector agrícola da ASS devem continuar firmes e ter uma perspectiva de mecanização de longo prazo, à semelhança do que os governos e líderes asiáticos fizeram nas décadas de 1960 e 1970. Caso contrário, a agricultura africana pode estar condenada a continuar a usar ferramentas e instrumentos arcaicos no século XXI em prejuízo não só da segurança alimentar, mas também do desenvolvimento agrícola e do crescimento económico geral. Outras regiões em desenvolvimento do mundo mecanizaram as actividades primárias da sua agricultura dentro de um período de 3-4 décadas e agora estão a avançar para níveis tecnológicos ainda maiores. A ASS não pode se dar ao luxo de ser deixada para trás - Agora é o momento de uma acção transformadora na mecanização agrícola sustentável nesta região.

Acções Necessárias

1. Apelamos à 2.^a Reunião do CTE da UA para que aprove o Quadro para uma Mecanização Agrícola Sustentável em África.
2. Apelamos aos Governos Africanos para que priorizem a mecanização agrícola e sejam orientados pela lista de elementos prioritários a ser considerada no processo de desenvolvimento das suas estratégias nacionais para uma mecanização agrícola sustentável.